

© Direitos reservados, 1999, pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Centro de Desportos/UFSC — Campus Universitário — Trindade, 88040-900 — Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Editoração eletrônica: Rafael Vitzel Corrêa.

Foi feito o Depósito Legal.

Capa: Yara Carvalho, sobre mosaico romano (jovens de biquíni em jogos de ginástica) da Villa Romana del Casale, Piazza Armerina, Sicília.

SUMÁRIO

Intervenção e conhecimento: o livro ELENOR KUNZ	7
Apresentação SILVANA VILODRE GOELLNER	11
Coordenadores dos Grupos de Trabalho Temático	15
Intervenção e conhecimento na escola: por uma cultura escolar de Educação Física TARCÍSIO MAURO VAGO	17
Intervenção, conhecimento e mudança: a Educação Física, o Esporte e o Lazer nas políticas públicas MEILY ASSBÚ LINHALES & JOSÉ RIBAMAR PEREIRA FILHO	37
Comunicação e mídia no âmbito do conhecimento e intervenção em Educação Física/Ciências do Esporte GIOVANI DE LORENZI PIRES & FERNANDO GONÇALVES BITTENCOURT	49

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Sandra Regina Vitzel Domingues)

E 26 Educação Física / Ciências do Esporte: Intervenção e Conhecimento. / Silvana Vilodre Goellner, organizadora. — Florianópolis : Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.
Inclui referências bibliográficas.
ISBN 85-271-0502-0

1. Educação Física 2. Esportes I. Goellner, Silvana Vilodre, org.

CDD - 796

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação Física 796
2. Esportes 796

MEMÓRIA, CULTURA E CORPO: INTERVENÇÃO E CONHECIMENTO

Jocimar Daolio

Universidade Estadual de Campinas

Silvana Vilodre Goellner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Victor Andrade de Melo

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Sendo o Grupo de Trabalho Temático (GTT) “Memória, Cultura e Corpo” o caçula entre os GTTs no âmbito do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), já que somente está em funcionamento a partir de agosto de 1998, cabe-nos, de início, questionar sua própria existência. Haveria realmente necessidade de um espaço específico que agrupe interessados nas questões relacionadas à Memória e à Cultura em suas interfaces com as mais diferentes atividades ligadas à cultura corporal de movimento? Ou sua criação seria simplesmente fruto da articulação de alguns pesquisadores dedicados a tais assuntos?

Entendemos que as respostas a essas questões caminham em uma mesma direção, porque, além de uma questão não excluir a outra, a completa. Vejamos: a criação de um GTT ligado às questões da Memória e da Cultura dentro desta entidade científica reflete o reconhecimento de um trabalho que, já há algum tempo, vem sendo realizado. Primeiramente, por meio da produção isolada de um ou outro pesquisador cuja temática escolhida para investigar aproxima-se dos estudos da Memória e/ou da Cultura. Depois, por meio da constituição de grupos de estudo, projetos conjuntos institucionais e/ou pessoais, cujas ações provocaram avanço significativo na área, observando em ações como, por exemplo, a realização de eventos cien-

tíficos específicos; o aumento da produção científica publicada/apresentada em forma de livro ou dissertações/teses, cursos, seminários e palestras em eventos científicos; o oferecimento de disciplinas que abordam a Memória e a Cultura em cursos de graduação e pós-graduação em instituições públicas e privadas, entre outras.

Assim, se por um lado a criação do GTT “Memória, Cultura e Corpo” dentro do CBCE resultou da articulação de alguns pesquisadores que apresentaram a proposta na Reunião das Secretarias Estaduais do CBCE, realizada na Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (Natal, RN) em agosto de 1998, por outro, reflete uma produção científica que vem crescendo consideravelmente nos últimos anos, cuja quantidade e qualidade traduzem uma demanda específica capaz de dar vida a um Grupo de Trabalho Temático.

Tendo participado dessa reunião e defendido a criação deste GTT junto à Diretoria Nacional do CBCE, tentaremos nesse artigo argumentar sobre a importância da sua criação no âmbito de nossa entidade científica, tomando como eixo de discussão as possibilidades que esse espaço pode vir a se constituir no que diz respeito à contribuição para a “intervenção” e o “conhecimento” (que desde já preferiremos tratar como “intervenção/conhecimento”, para que não se crie uma sensação de que são dimensões que devam ser consideradas de forma dissociada). Pretendemos, também, explicitar que esse GTT, ao reunir profissionais interessados em refletir sobre “Memória, Cultura e Corpo”, objetiva salientar o aspecto simbólico inerente às ações humanas relativas ao corpo e ao movimento humanos. Assim sendo, constitui-se como um espaço onde há a possibilidade de aguçar o olhar cultural e histórico sobre os diversos fenômenos sociais relacionados às formas culturais de expressão corporal, preservando e atualizando determinadas características próprias de quem delas participa, permitindo, por conseguinte, outras e novas leituras. Como bem regis-

tra sua ementa: “O GTT «Memória, Cultura e Corpo» busca enfatizar diferentes manifestações da cultura corporal, sob os mais diversos pontos de vista, tendo como eixo de análise as áreas de conhecimento ligadas ao estudo da Memória e da Cultura”.

Entendemos, portanto, que esse GTT tem papel específico e importante dentro do CBCE, uma vez que pode buscar respostas a questões importantes que hoje estão postas para quem se interessa pelo corpo ou o pesquisa. Para ilustrar essa idéia, recorremos a uma questão formulada por Jorge Crespo no livro *A História do Corpo*, no qual, ao discorrer sobre a frequência com que o tema “corpo” tem sido discutido no mundo contemporâneo no domínio das ciências humanas e sociais, faz a seguinte reflexão:

“A emergência do corpo processa-se no quadro de uma profunda crise de civilização e de civilizações e, à primeira vista, poderia entender-se como reflexo da crise do próprio Estado, porventura enfraquecido na sua missão de utilizar o corpo como instrumento privilegiado no controle e regulamentação das condutas humanas. Em qualquer caso, julga-se que as novas maneiras de pensar, sentir e agir o corpo são indicadores de uma mudança. E a questão que se pode formular é a seguinte: o fenômeno traduz uma verdadeira libertação do corpo, relativamente a antigos constrangimentos ou, pelo contrário, não representa mais do que uma forma, porventura subtil, utilizada pela sociedade para continuar a exercer a repressão?”¹

Responder a essa questão não é tarefa fácil e ela só poderá ser enfrentada se compreendermos, acima de tudo, que o cor-

¹ Jorge Crespo. *A história do corpo*, p. 8.

po não é algo imutável mas resultante de longo processo de elaboração social constituído com base em múltiplos cruzamentos econômicos, políticos e culturais. Como, então, compreender esse corpo que se constrói com base em diferentes mediações e interações se abrimos mão de disciplinas como, por exemplo, a História e a Antropologia? Como abordar co-nhecimento/intervenção na Educação Física e Ciências do Esporte prescindindo da colaboração daquelas áreas? Se o corpo se revela na sua historicidade, como então, deixar de lado estudos que tematizam a Memória e a Cultura?

A contribuição da História e da Antropologia

Segundo Dermeval Saviani,² somente a partir da modernidade a História passa a ser um problema que emerge definitivamente, quando se promove uma ruptura com as formas de vida e de compreensão do mundo predominantes na Idade Média, em que a “natureza” determinava os sentidos e padrões da existência humana. Quando se compreende que os homens em sociedade é que devem operar as mudanças e serem detentores da razão, passa-se também a desenvolver a necessidade de compreender as transformações sociais com maior profundidade e das mais diversas formas e, também, as modificações identificadas no tempo e no espaço. Obviamente que com tal afirmação o autor não está a negligenciar que anteriormente existiam preocupações com o resguardar da Memória, mesmo em comunidades que não possuíam a língua escrita; ele apenas ressalta que é a partir da modernidade que tal preocupação ganha maior visibilidade.³

² Dermeval Saviani. O debate teórico e metodológico no campo da História e sua importância para a pesquisa educacional, p. 7-14.

³ Uma interessante discussão nesse sentido pode também ser obtida no estudo de Jacques Le Goff. *História e memória*, 1990.

Pensando nas palavras de Saviani, é possível encontrar algumas pistas para compreender certa valorização que as questões ligadas à Memória sempre encontraram entre os estudos/sos/envolvidos com os objetos “Educação Física” e “Esporte”, sem ainda discutir a natureza qualitativa de tal valorização. As atividades corporais de movimento institucionalizadas (entre os quais a “Educação Física” e o “Esporte”), típicos objetos sintetizados na modernidade, já nascem sob a égide das preocupações com a Memória e, de alguma forma, diversos são os esforços que nesse sentido podem ser constantemente identificados. Para não nos alongarmos nessa questão, podemos lembrar, por exemplo, a maneira como os precursores dos métodos dos gímnicos europeus faziam referência e mesmo se inspiravam no passado, algumas vezes idealizando-o consoante seus interesses e ideologia.

Lembremos, também, que o Movimento Olímpico foi criado tendo como referência uma concepção idealizada da Grécia Antiga, buscando reviver as competições do período clássico. E, ainda, a freqüente referência que nossa área específica faz aos records, termo que etimologicamente, na sua origem inglesa, está ligado a recordar, lembrar, guardar os grandes feitos.

Esses exemplos, de alguma forma, ajudam a perceber que as iniciativas ligadas às atividades corporais de movimento institucionalizadas geralmente estiveram relacionadas a uma determinada compreensão (e valorizadas por isso) de História/Memória compreendidas, também, como atividades inseridas em uma Cultura. Ou seja, entendidas como atividades culturais. Há, no entanto, que questionar a natureza de tal ligação e a forma como ela se estabeleceu no decorrer do tempo.

Pensando especificamente no contexto brasileiro, podemos situar alguns problemas quando pensamos nas aproximações que já se tentou estabelecer entre História e Educação Física/Ciências do Esporte. Por um lado, registramos uma compre-

ensão ultrapassada de História/Memória, entendidas como a coleta, muitas vezes desorganizada, de datas, fatos, feitos e heróis. Advém dessa compreensão a quase inexistência de projetos estruturados que atuem para a preservação de Memória. Por outro, podemos perceber uma suposta compreensão crítica de História que, algumas vezes, ao ideologizar a discussão acabou por abandonar a especificidade da crítica histórica.

Por certo, tais problemas não foram ocasionais mas estiveram diretamente ligados aos papéis sociais e ao estágio de desenvolvimento dessa área de conhecimento na realidade brasileira. Tem, portanto, sua própria historicidade. Nesse sentido, podemos pensar o desenvolvimento dos estudos históricos na Educação Física brasileira em três fases distintas. A primeira fase é marcada pelo caráter embrionário de desenvolvimento dos estudos. Uma segunda fase é marcada pelo início de uma produção e preocupação maior com os estudos históricos, tanto nos aspectos qualitativos quanto nos quantitativos. A terceira fase é marcada pela busca do redimensionamento das características dos estudos históricos. Independente das diferenças entre os trabalhos nas respectivas fases, o compromisso dos pesquisadores que abordaram e abordam a História da Educação Física estava e está ligado à necessidade de entender a Educação Física e/ou justificar algumas sugestões de modificações nas suas práticas sistemáticas.⁴

Já no que se refere à História dos Esportes, desde o século passado e início deste, podemos identificar estudos normalmente desenvolvidos fora dos circuitos acadêmicos tradicionais. Tais estudos eram escritos geralmente por antigos prati-

⁴ Um exemplo clássico é o estudo de Fernando de Azevedo. *Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser*, 1960. O autor buscava subsídios na História da Educação Física, para defender a utilização do método sueco, desencadeando resistências ao método alemão, bastante influente e presente nos primórdios da Educação Física nacional.

cantes e/ou apaixonados por esportes, como, por exemplo, jornalistas que acompanharam de perto o desenvolvimento de determinadas modalidades. Assim se constituem os livros de E. P. (1893)⁵ e Thomaz Rabello⁶ (1901), sobre o turfê, e o livro de Alberto B. Mendonça⁷ (1909) sobre história dos esportes náuticos.

Embora no Brasil a História do Esporte não tenha espaço tão significativo como tem em outros países, esses estudos têm preocupação significativamente diferenciada dos estudos de História da Educação Física. Sua preocupação básica não é, nem foi, entender o esporte em si. Às vezes simplesmente reuniam informações sobre os esportes, noutras utilizavam esse elemento da Cultura para melhor entender a sociedade. Mesmo na obra dos autores ligados à História da Educação Física, notadamente os da segunda fase, os aspectos históricos dos esportes já dividiam espaço com os ligados à Educação Física. Com certeza, isso é um reflexo do crescimento da importância do esporte no âmbito da Educação Física e origem da confusão conceitual no que se refere ao estudo da História dos dois objetos.

A despeito da relativa diversidade, acreditamos que os pesquisadores da História da Educação Física/Espportes devem procurar, e precisam continuar procurando, a especificidade de sua atuação, a definição de seu espaço, a competência que venha a abolir a compreensão da História como um amontoado de datas e fatos, que se faz uso sem nenhum rigor, apenas para justificar que algum estudo possa ser chamado de "histórico". É preciso também ampliar o cuidado com as abordagens críticas, de modo que estas não se traduzam em perspectivas lineares de causa e consequência nem mesmo permitam que

⁵ E. P. *Crônicas do turf fluminense*, 1893.

⁶ Thomaz. Rabello. *História do turf no Brasil*, 1901.

⁷ Alberto B. Mendonça. *História do sport náutico no Brasil*, 1909.

inferências, *a priori* ideológicas, venham a obliterar a especificidade de sua contribuição. Ao evitarmos situações como essas, estaremos construindo possibilidades de contribuir efetivamente com o aprofundar do conhecimento/intervenção na Educação Física/Ciências do Esporte, permitindo interpretações de seus processos e caminhos no decorrer do tempo, lançando luz nas discussões contemporâneas e até mesmo contribundo no perspectivar do futuro. O que não significa sugerir que a História se presta a conceder lições de moral, a buscar heróis ou bandidos ou a programar o futuro e se constituir em uma verdade “absoluta/inquestionável”.

Há que ter clareza que, ao falar de História, estamos falando de homens e de mulheres cuja ação cotidiana faz a história. Portanto, ao tematizarmos a Memória ou, se preferirmos, a História (a análise da Memória com base nos mais diferentes referenciais teóricos e pontos de vista), tornamos mais amplas as possibilidades de entender as ações concretas desses seres humanos e suas construções no decorrer do tempo. Sem esquecer, no entanto, que o passado é algo que não podemos modificar. Modificamos, sim, o que dele podemos conhecer uma vez que estamos mergulhados no tempo presente, cujos valores, condicionamentos e ideologias interferem na direção do nosso olhar.

Se considerarmos que a Educação Física brasileira tem sido marcada por forte influência “pragmatista-utilitarista”, em que são valorizados os modelos lineares que tenham utilidade operacional direta, perceberemos que as questões ligadas à Memória e também à Cultura ganham caráter distorcido, como se fossem meras informações curiosas e despretensiosas, somente elencadas quando se trata de justificar algo do presente, aparentemente sem aplicação prática.⁸ Nesse contexto, “in-

⁸ Essa discussão foi procedida com maior profundidade no estudo de Victor Andrade de Melo. Relação teoria & prática e formação profissional na Educação Física brasileira: apontamentos na história, p. 103-14.

tervenção” e “conhecimento” estabeleceram-se como dimensões dissociadas, sem nenhuma relação aparente ou, então, com base em um conceito no qual o ato de “conhecer” resume-se à aquisição de fórmulas a serem adotadas.

Ora, se pretendemos modificar essa visão distorcida da relação entre “intervir/conhecer” em nossa área de conhecimento, também se faz necessário que a modifiquemos no interior das diversas temáticas a ela ligadas. Seria fundamental reordenarmos a compreensão do que seja estudar e pesquisar as questões ligadas à Memória (em que a História como disciplina se salienta) e à Cultura (em que a Antropologia adquire importante papel). Obviamente que as iniciativas não devem prender-se a tais disciplinas, até mesmo porque os estudos ligados à Memória e à Cultura têm caráter multidisciplinar, em que disciplinas como a Sociologia, a Filosofia, a Psicologia Social, a Lingüística e a Teoria Literária, entre outras, podem ter, por certo, uma rica contribuição a conceder. Cabe lembrar ainda que nas últimas décadas são cada vez mais próximas as relações entre a História e a Antropologia, plenamente compreensíveis a partir dos avanços recentes na Teoria da História.⁹

Se discutimos até agora a Memória tendo como referência a História, é na Antropologia que buscamos sustentação para melhor explicitar o corpo como construção cultural.

A discussão antropológica sobre Cultura – na tradição do francês Marcel Mauss, considerado um dos pais da Antropologia e, mais recentemente, do americano Clifford Geertz – tem tentado superar alguns equívocos ou lacunas que existiam na abordagem do tema desde o século XVIII, passando por todo o século XIX, até as primeiras décadas do século XX.

Ao ser abandonada a concepção oriunda do Iluminismo, para

⁹ Para maiores informações, sugerimos os estudos: Peter Burke. *A escrita da história*, 1992; Jacques Le Goff. *A história nova*, 1990 e Lyhn Hunt. *Nova história cultural*, 1992.

a qual as exterioridades culturais deveriam ser desvendadas na busca de um homem natural, o chamado “homem selvagem”, foi superada, também, uma concepção evolucionista de homem, típica do século XIX, para a qual a Cultura seria apenas um conjunto de produções de um povo, servindo, portanto, para classificar (preconceituosa e etnocentricamente) as sociedades. É nessa época que ganha força a classificação de povos como sendo “primitivos” ou “bárbaros”, em oposição aos “civilizados” do mundo ocidental. Refutou-se também, no conceito antropológico mais atual, uma concepção psicológica de Cultura, como se ela fosse o simples somatório dos produtos de mentes individuais.

Nesse outro olhar, a Cultura passou a ser considerada como a própria condição de existência do homem, exatamente o que o diferencia dos outros animais. Além de produto das ações humanas, Cultura é também, e sobretudo, o processo pelo qual os homens estão continuamente atribuindo significados às suas ações. Assim, em vez de se pensar Cultura apenas como um complexo de padrões concretos de comportamentos, é necessário pensá-la como um conjunto de mecanismos de controle que orientam o comportamento humano em situações específicas sendo esses mecanismos construídos, reconstruídos e transformados num processo dinâmico de um grupo específico.¹⁰

O homem possui equipamento biológico que lhe garante respostas gerais, sendo a Cultura aquela que lhe fornece os rostos para sua visão, os cheiros agradáveis ou desagradáveis para o seu olfato, os sentimentos alegres ou tristes para sua emoção, os conteúdos de seu pensamento e assim por diante. É a Cultura que o localiza no mundo, dando-lhe sentido às ações, particularizando-o e diferenciando-o de outros homens – caracterizando, portanto, um processo de humanização que se dá de forma contextualizada, à medida que o homem vai

¹⁰ Cliford Geertz. *A interpretação das culturas*, p. 10.

manipulando símbolos, criando sistemas de significados historicamente determinados, dando forma, ordem, objetivo e direção à sua vida.¹¹

Para Geertz, a Cultura é pública porque o significado o é. Ao mesmo tempo como um processo singular e privado, as ações humanas são plurais e públicas, porque manipulam padrões de significados que fazem sentido num determinado contexto. Assim, o homem está o tempo todo fazendo Cultura porque está sempre manipulando formas simbólicas. Cabe, portanto, à Antropologia, não apenas descrever comportamentos humanos, mas tentar compreendê-los com base em sua lógica de significados, visto que não é uma ciência experimental à procura de leis, mas uma ciência interpretativa em busca do significado.¹²

Sobre Memória, Cultura e Corpo

Entendemos que o conceito de Cultura é a principal categoria para a área de Educação Física/Espportes, uma vez que todas as manifestações corporais do homem (esporte, dança, ginástica, jogo, etc.) são geradas no seio de determinada sociedade e se expressam diversamente no contexto de grupos culturais e de momentos específicos.

Embora fruto de uma tradição que separou a Natureza da Cultura, a área Educação Física/Espportes lida diretamente com o homem na integração entre esses dois aspectos. O corpo humano é ao mesmo tempo e indissociavelmente natural e cultural. Se por um lado existe um patrimônio biológico universal, que faz com que todos os homens sejam membros da mesma espécie, por outro, há construções corporais culturais diferentes. O conceito de Cultura, da forma como o temos

¹¹ Ibidem, p. 58 e 62.

¹² Ibidem, p. 15.

defendido ao longo deste texto, não exclui o caráter biológico que o homem inegavelmente possui, mas o engloba, procurando dar conta da inserção desse homem em contextos culturais diferentes.

Enquanto a Educação Física e os Esportes se pautaram prioritariamente pelo referencial das ciências biológicas, foi possível afirmar categorias absolutas em relação às manifestações corporais humanas. Quando se considera, entretanto, a dinâmica cultural variada na construção das ações corporais, há que se considerar os processos de significação, ou seja, o que dá sentido a determinadas ações corporais. Em outros termos, o que dá sentido ao movimento humano é o contexto em que ele se realiza. Assim, o que vai definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela Educação Física é a própria consideração e análise dessa expressão na dinâmica cultural específica do contexto em que se realiza.¹³

Nas discussões sobre Educação Física/Espportes é possível observar, nos últimos anos, a consideração quase unânime do caráter cultural do corpo e do movimentar-se humanos. Considera-se atualmente que manifestações corporais como o esporte, a ginástica, o jogo, a dança, são expressões culturais.

Encontramos hoje a expressão Cultura associada a termos como "corporal", "de movimento" ou "física". Entretanto, a compreensão do conceito de Cultura na área de Educação Física/Espportes, por vezes, ainda é incompleta ou superficial. Não cabe nos limites deste texto a análise de como o termo Cultura vem sendo utilizado pelas várias abordagens existentes hoje na área. O que desejamos enfatizar é que só é possível lidar com as expressões culturais de movimento se considerarmos seu caráter simbólico a fim de se compreender os significados imputados a determinadas ações por um grupo específico num

¹³ Jocimar Daolio. *Educação Física e cultura*, p. 19.

momento determinado. Qualquer intervenção de profissionais da área de Educação Física/Espportes deve levar em conta esse aspecto, sob risco de reificação de determinados preconceitos do profissional ou da desconsideração de valores significativos inerentes ao grupo trabalhado.

Se pensarmos Cultura de forma simplista como um conjunto de produtos materiais da ação humana e entendermos Memória apenas como uma reunião de fatos e feitos dos homens ao longo do tempo, faremos uma relação muito empobrecida entre esses dois termos, em que a Antropologia seria responsável pela descrição e coleta de curiosidades culturais dos vários povos e grupos espalhados pelo mundo e a História apenas registraria os fatos históricos, organizando-os. De fato, ainda que mostrado de forma um tanto caricatural, parece que foi o que aconteceu com estas duas ciências até há poucas décadas.

A objetividade expressa na relação sujeito/objeto empreendida pela Antropologia e pela História, influenciadas que foram por um fazer ciência ainda preso a um positivismo reinante, era garantida pelo caráter geográfico, no primeiro caso, e temporal, no segundo. A Antropologia preocupava-se com os povos exóticos de regiões longínquas, ao passo que a História enfatizava os acontecimentos distantes no tempo. Se essa relação com os fatos sociais garantia uma objetividade de análise, perdia toda a dinâmica simbólica das relações humanas, não conseguindo compreender as teias de significados nas quais se movem os seres humanos em contextos específicos e em épocas distintas.

Ao contrário, se pensarmos Cultura conforme discutido anteriormente, como processo contextualizado de manipulação simbólica que orienta e dá sentido às ações humanas e pensarmos Memória como o olhar do presente sobre o conjunto de ações realizadas pelo homem ao longo da história, podemos vislumbrar as relações de proximidade entre esses

dois conceitos, além de reconstituir com vantagens a relação sujeito/objeto.

De uma visão objetiva, essa relação passa a incorporar o caráter intersubjetivo das relações humanas, introjetando o tempo, transformando a História "fria" em Memória. Na prática, temos a Antropologia atual não mais como uma "ciência que observa e analisa povos indígenas ou grupos camponeses", como ainda se pensa hoje, mas um "olhar antropológico" sobre todo e qualquer agrupamento humano contemporâneo, que permite considerar a dimensão simbólica, compreendendo o universo de representações sociais específicas do grupo. Na História, temos a consideração de que só é possível compreender o passado com base nos novos olhares do presente, e tanto um quanto outro, influenciados por lógicas de significados devidamente estabelecidos.¹⁴

Correndo risco da repetição: a relação objetiva sujeito/objeto, que na História era estabelecida como presente/passado e na Antropologia era expressa como aqui/lá e em ambas ressumida no binômio civilizado/primitivo, ou pesquisador/fenômeno, hoje procura incorporar as dimensões de tempo e espaço, atualizando-as e relativizando-as, considerando o caráter intersubjetivo e simbólico das relações humanas. Por isso, preferimos falar em Memória e Cultura.

Enfim, acreditamos que os estudos ligados à Memória e à Cultura têm contribuição importante e original para a melhor compreensão/intervenção de nossa área de conhecimento. Mas para tal devem se desenvolver com qualidade e rigor, sempre respeitando as diversas linhas teóricas/metodológicas possíveis. A criação de um GTT no âmbito do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte pode ser uma grande contribuição para tal, promovendo iniciativas que agrupem interessados/pesquisado-

¹⁴ Roberto Cardoso de Oliveira. *Sobre o pensamento antropológico*, p. 21.

res; identificando possíveis lacunas a serem contempladas; estimulando e criando espaços de publicação; e desenvolvendo projetos de preservação de nossa Memória e Cultura. Dimensões essas fundamentais no que se refere à consolidação da nossa área de conhecimento.

Referências bibliográficas

- Azevedo, Fernando de. *Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser*. São Paulo: Melhoramentos, s.d.
- Burke, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992.
- Crespo, Jorge. *A história do corpo*. Lisboa: Difel: 1990.
- Daolio, Jocimar. *Educação Física e cultura*. Santo André: Corpoconsciência, 1998.
- E. P. *Crônicas do turf fluminense*. Rio de Janeiro: s.e., 1993.
- Geertz, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- Hunt, Lyhn. *Nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Le Goff, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- . *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- Melo, Victor Andrade de. *Relação teoria & prática e formação profissional na Educação Física brasileira: apontamentos na história*. *Motrivência*, Florianópolis, 7(8): 103-14, dez. 1995.
- Mendonça, Alberto B. *História do sport náutico no Brasil*. Rio de Janeiro: s.e., 1909.
- Oliveira, Roberto. C. de. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.
- Rabello, Thomaz. *História do turf no Brasil*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1901.
- Saviani, Dermeval. O debate teórico e metodológico no campo da história e sua importância para a pesquisa educacional. In: Saviani, Dermeval; Lombardi, José Claudinei & Sanfelice, José Luís (org.). *História e história da educação: o debate metodológico atual*. Campinas: Autores Associados-HISTEDBR, 1998.